

ENTRE 4 PAREDES

Relatos de vida, luta e humanidade
de mulheres na prostituição

Roberta Mussato

ENTRE 4 PAREDES

Relatos de vida, luta e humanidade
de mulheres na prostituição

Roberta Mussato

Agradecimentos

Dedico este livro-reportagem a todas as mulheres, principalmente as que trabalham como profissionais do sexo, essas que ultrapassam as barreiras do preconceito, dores, instabilidades, mas que mesmo assim são sinônimos de resistência. Dedico também a todos que estiveram comigo durante esse processo, minha orientadora Flávia Martelli, que sempre se colocou à disposição e fez esse livro acontecer tanto quanto eu. Agradeço a minha família e amigos que foram rede de apoio, e ao meu querido amigo Guilherme Carvalho, que é um grande responsável por não deixar que eu desistisse em meio às dificuldades.

Sumário

PREFÁCIO7

CAPÍTULO I

A linha onde tudo começou 11

CAPÍTULO II

O peso das fantasias alheias 15

CAPÍTULO III

Quando o preconceito atravessa as ruas 18

CAPÍTULO IV

Quando o amor erra o alvo 22

CAPÍTULO V

A sombra que caminha com elas 27

CAPÍTULO VI

Valentina, a mulher que inventou a própria vida 31

CAPÍTULO VII

O preço do silêncio de Samantha 37

CAPÍTULO VIII

Jennifer: sobreviver também é um nome. 44

CAPÍTULO IX

O eco das histórias que Sarah conta.	49
--	----

CAPÍTULO X

A vida que Ester enxerga no escuro	55
--	----

CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
--------------------------------	----

Prefácio

Nas ruas onde a cidade apaga o brilho e revela suas margens, a prostituição deixa de se confundir com o glamour das vitrines iluminadas e volta ao que sempre foi para muitas mulheres: um último recurso diante de portas sistematicamente fechadas. Ali, entre calçadas escuras e jornadas que começam quando o resto da cidade repousa, é possível ver o rastro de escolhas que não nasceram da vontade, mas da falta dela.

Nos contextos menos glamourosos da prostituição, como mostram relatos e estudos contemporâneos, boa parte dessas mulheres chega às ruas empurrada por um mercado de trabalho que insiste em lhes oferecer apenas o mínimo — quando oferece algo. Falta proteção, falta amparo legal, faltam oportunidades dignas. Sobram salários precários, jornadas exaustivas e expectativas sociais que nunca foram escritas para que elas pudessem cumpri-las. É nesse intervalo entre a sobrevivência e a exclusão que muitas encontram, na rua, a única forma de sustentar a própria existência, sobretudo quando já não se percebem pertencendo aos espaços domésticos ou às ocupações tradicionais.

O que parece apenas uma escolha individual ecoa, porém, uma longa história. Como lembra o artigo “Prostituição”,

e Preconceito (Pereira; Feijó, 2014) a venda do corpo — em suas múltiplas expressões — atravessa séculos e civilizações, desde as primeiras cidades da Mesopotâmia até os grandes centros urbanos do século XIX.

O peso moral que recai sobre essas mulheres, por outro lado, não é menos antigo. Desde muito tempo o corpo feminino foi regulado, punido e negociado de acordo com os interesses dos homens e principalmente, homens de poder — mulheres casadas eram proibidas de sentir prazer, e homens faziam questão de exibir sua virilidade em relações extraconjugais que variavam de prostitutas a dançarinas e até outros homens, desde que mantivessem o papel ativo.

O puritanismo romano se misturava às engrenagens políticas e familiares. Segundo a matéria “Pandataria, a ilha onde imperadores romanos exilaram mulheres consideradas promíscuas” da BBC News, publicada em 2019, prova que desde a antiguidade o corpo feminino é comandado por esses homens. O próprio imperador Augusto — defensor público da austeridade — viu suas normas desafiadas pela própria filha, Júlia, cujas histórias de transgressão ecoaram tanto que motivaram seu exílio na Pandataria.

Séculos depois, já na Europa industrializada, o cenário se repetia com outras cores. Nos novos centros urbanos do século XIX, a prostituição tornava-se parte da engrenagem social e reflexo do machismo: homens que migravam para trabalhar buscavam, nos prostíbulos, o alívio de uma rotina exaustiva, enquanto mulheres, empurradas pela miséria, tentavam transformar o pouco que tinham em sobrevivência. Algumas deram a sorte de ascender como amantes de empresários, adornadas por presentes luxuosos; outras permaneceram onde a história raramente

olha: nas vielas, nos quartos baratos, nos cabarés divididos por classe e por poder.

No fim, a história mostra que nenhuma dessas mulheres caminhou até ali sozinha. Cada uma carrega nas costas a soma de séculos de desigualdade, moralismo, exclusão e necessidade. Para muitas, as ruas não são um destino voluntário, mas o único espaço que ainda as reconhece — mesmo que de forma dura, frágil e perigosa.

Com a escravidão, outras camadas de violência se consolidaram. As mulheres negras, tinham o pleno papel de servir seus senhores, inclusive sexualmente. Depois de ler algumas informações sobre o assunto, soube que algumas delas recebiam até “cartas de permissão” para circular à noite e atender clientes nos prostíbulos — desde que voltassem com o lucro mínimo exigido. E daí, podemos imaginar que se nasceram os cafetões, que tem exatamente esse papel de lucrar em cima de suas profissionais.

Com esses espaços, a sexualidade masculina também se transformava. Os homens mais velhos buscavam nas profissionais do sexo práticas que jamais ousariam pedir às próprias esposas. Os jovens, aprendiam ali a técnica que, mais tarde, deveriam levar ao casamento — uma pedagogia silenciosa, legitimada pelo patriarcado e pela desigualdade de gênero.

A visão sobre o corpo feminino e sua sexualização passou, então, a ser moldada pela moral cristã e pela medicina. O cristianismo reforçou a ideia do sexo como pecado; a medicina, por sua vez, classificou a prostituta como figura degenerada, frágil, perigosa. Mesmo assim, os padres frequentavam e financiavam prostíbulos — uma contradição que atravessa séculos. Foi também nesse período que o termo latino prostituta, que significa “expor”,

ganhou a conotação moderna ligada à genitália e ao comércio sexual.

A marginalização que nasce desse imaginário social persiste até hoje. Tão antiga quanto as cidades brasileiras é a presença de prostitutas nas ruas, nos cabarés, nas zonas boêmias — e, muitas vezes, nas sombras da política, atuando direta ou indiretamente com agentes do Estado. Por isso, a prostituição sempre oscilou entre tolerância e repressão, entre servir como válvula de escape e ser alvo de controle moral.

A prostituição é um mercado que abriga mulheres de todas as raças e gêneros. Para pessoas LGBTQIAPN+, especialmente travestis e mulheres trans, a prostituição é resultado direto do preconceito estrutural. Expulsas de casa, impedidas de estudar, rejeitadas em empregos formais, acabam encontrando nas esquinas a única porta ainda aberta. Segundo a ANTRA, 90% das mulheres trans no Brasil têm a prostituição como principal fonte de renda; apenas 0,02% chegam à universidade.

Precisamos olhar para todas elas. Quando eu digo olhar, não é para julgar, é para acolher e respeitar. Este livro visa mostrar a realidade em que cada uma se encontra, dentro do seu mundo, seja ele na rua ou na internet. Ganhando pouco ou muito. Fazendo com ou sem vontade.

CAPÍTULO I

A linha onde tudo começa

Eu ainda me lembro do instante em que decidi contar esta história. Não foi um gesto calculado, tampouco uma escolha acadêmica cuidadosamente planejada. Foi mais como um chamado — daqueles que tocam antes de qualquer lógica. Eu queria ser jornalista para isso: para ouvir quem nunca foi escutado, para registrar vozes que sempre atravessaram as ruas, mas raramente ganharam as páginas. E quando, numa manhã qualquer, sentada com o Guilherme na Ilha da Universidade, o tema da prostituição surgiu entre nossas conversas, senti algo acender dentro de mim.

Não foi apenas interesse. Foi um impulso. Um “vai” que não vinha de mim, mas eu o ouvi.

A partir daquele dia, percebi que precisava ir até onde essas histórias nascem: nas calçadas, nos becos, nas esquinas — nos territórios onde a cidade insiste em não olhar.

Meu primeiro passo foi conhecer a ONG Vitória Régia em Ribeirão Preto, no interior paulista. Lembro-me de como

a Larissa, diretora da ONG, me acolheu com a naturalidade de quem já vive ali há muito tempo, sabendo que qualquer aproximação precisa começar com respeito. Entrei no carro com ela levando uma sacola cheia de pequenos itens — camisinhas, lubrificantes, auto testes de HIV, paçoquinhas — como se cada objeto fosse uma senha para abrir um diálogo possível.

Eu, que só conhecia Ribeirão Preto pelos corredores dos shoppings ou pelos caminhos até a universidade onde cursava jornalismo, e lá estava eu, indo pela primeira vez à baixada. No trajeto, minha cabeça estava cheia de hipóteses, perguntas e medos silenciosos. Não imaginava como seriam aquelas mulheres, se aceitariam falar comigo, se me veriam como mais uma estranha atravessando suas vidas sem pedir licença.

Mas bastou o carro parar para que um gelo tomasse conta do meu estômago. O choque da primeira visão nunca saiu de mim: mulheres pretas, quase todas, jovens ou já gastas pelo tempo; mulheres cujas roupas, gestos e olhares diziam mais sobre desigualdade estrutural do que qualquer gráfico ou relatório acadêmico.

A primeira delas que me recebeu foi a Luana, talvez um nome fictício, criado ou inventado para poder estar ali ou talvez fosse o nome dela mesmo, mas não importa o nome e sim a história dela.

Ela estava sentada numa cadeira de plástico, diante de um bar meio silencioso, usando um vestido de renda vermelho — curto demais para o frio leve daquela manhã. O batom vermelho combinava com a roupa e, quando cruzou as pernas, percebi que ela não usava calcinha. Protegia-se apenas com uma bolsa posicionada estrategicamente, como quem aprende a criar pequenas fronteiras num mundo onde quase nada a protege.

Quando me aproximei, ofereci os itens da sacola. Ela escolheu apenas uma paçoca. A doçura, naquele momento, parecia ser o único luxo possível.

Contei quem eu era, disse que acompanhava a Larissa porque estava escrevendo um livro sobre prostituição. Foi como abrir uma represa. Luana falou — e falou muito. Histórias que traziam o peso de décadas de abandono social, de desigualdade racial, de violência que parecia normalizada. Ali, entre um desabafo e outro, compreendi que o fato de serem mulheres pretas, pobres e trabalharem num território empobrecido tornava tudo ainda mais difícil do que o imaginado.

E então vieram as histórias que me atravessaram como um soco.

Histórias de pedofilia — incontáveis, nojentas, revoltantes. Enquanto falava, o rosto de Luana endurecia, como se aquilo o assombrasse. Ela mencionava homens que pediam para que elas usassem calcinhas de crianças, trazidas por eles mesmos; outros que exigiam ser chamados de “tio”. A cada relato, sentia o chão abrir, como se uma força invisível me puxasse para dentro de uma realidade que eu jamais teria acesso sem estar ali, diante dela. — Esses homens são bem vistos pela sociedade — ela me disse, olhando firme, como quem avisa algo importante. — Andam de camisa social, são casados, têm carro bom. Os piores abusos acontecem dentro das casas. Cuidado com quem vocês deixam entrar. E não pense que o risco é só para as meninas. Os meninos também correm perigo.

Depois de Luana, vieram outras histórias, outras mulheres, outras dores. Naquele dia, talvez pela confiança que tinham na Larissa, muitas me deram seus contatos. Eu saí dali acreditando que, enfim, havia encontrado o caminho do meu livro. Mal sabia que a segunda etapa seria mais difícil: quase nenhuma delas respondeu depois. Não sei se

refletiram e desistiram, se tiveram medo, se não confiaram em mim. Entendi, ali, que para entrar nesse universo não bastava aparecer uma vez: era preciso insistir, respeitar, esperar — e agradecer.

Por isso, registro aqui meu reconhecimento às mulheres que aceitaram dividir comigo uma parte de suas vidas. Sem elas, este livro não existiria. São elas as verdadeiras autoras deste relato — eu apenas o escrevo.

A partir desse primeiro encontro, nasceram os capítulos que seguem. Cada história, cada cena, cada palavra veio dessas conversas iniciais, dessas manhãs quentes na baixada, desses instantes em que o mundo delas se abriu, mesmo que por breves minutos.

Os nomes foram trocados. As vidas, não. E é isso que me comprometo a contar daqui para frente.

CAPÍTULO II

O peso das fantasias alheias

Eu não estava preparada para o que ouvi naquele dia. Não que eu fosse ingênua — ao escolher investigar a prostituição na baixada, eu sabia que encontraria histórias duras, confissões incômodas, cenas que nunca aparecem nos discursos moralistas da sociedade. Mas nada me preparou para o universo dos fetiches.

A palavra, até então, para mim era apenas um verbete de dicionário, algo que o Aurélio descreve com precisão acadêmica: “objeto dotado de poder mágico” ou “parte do corpo com qualidades eróticas”. Mas ali, sentada na calçada quente ao lado de mulheres que transformaram o corpo em ferramenta de sobrevivência, percebi que fetiche é muito mais do que isso. É fantasia, segredo, transbordamento. É o espaço onde a imaginação humana se liberta — e onde a hipocrisia social, muitas vezes, se revela.

As profissionais me explicavam com naturalidade aquilo que eu só conhecia em teoria: amarrações, dominação, submissão, inversão de papéis. Elas falavam sem rodeios, porque para elas nada daquilo era tabu — era apenas trabalho. Trabalho que começava quando a cidade dormia, trabalho que dependia de coragem, corpo e limites sempre negociados.

A troca de papéis, por exemplo, é muito mais comum do que se imagina. Homens que lá fora performam masculinidade rígida, inabalável, dentro do quarto pedem para ser passivos, submissos, dominados. Pedem para que elas os comam, os amarrem, os humilhem.

Na rua, seriam julgados.

Ali, são apenas clientes. — Teve uma época que eu só comia cú — uma delas me disse, rindo com uma franqueza desconcertante. — Só me procuravam pra isso. Parecia que me viam e já sabiam. Eu tenho um monte de pinto de borracha.

Eu sorri de volta, sem saber muito o que fazer com aquela sinceridade crua.

Mas na sequência, ela continuou — e o tom mudou.

Na liberdade construída entre cliente e profissional, os pedidos vão ficando cada vez mais ousados, às vezes mais sombrios. Ali, naquele intervalo onde o desejo masculino se sente invencível, surgem práticas que ultrapassam qualquer limite do “aceitável” para quem vive dentro dos códigos da moral pública.

Golden Shower.

Penetração com objetos improvisados — garrafas, desodorantes, legumes.

Fisting.

Foi Tamara quem me contou sobre o Fisting com mais detalhes. No meio da conversa, levantou o braço e, passando a mão sobre o antebraço, mostrou até onde já havia conseguido penetrar em um cliente. Uns quatro dedos abaixo do cotovelo.

A imagem ficou comigo por dias. Não pelo ato em si, mas pelo que aquilo dizia sobre poder, submissão, humilhação,

busca por algo que talvez nem eles mesmos soubessem nomear.

O que mais me impressionava não era o ato, mas o contraste.

Esses homens que pedem o que pedem — que transbordam desejo, fantasia, violência simbólica — são os mesmos que, nas ruas, vestem camisas sociais, dirigem carros caros, saem para almoços de negócios. Alguns são pais. Outros, maridos. Muitos, conhecidos por seus “bons valores”.

Olhar para elas me fazia entender algo que nunca percebi tão nitidamente: os fetiches, para essas mulheres, não são histórias eróticas, mas indicadores sociais. Mostram o que uma sociedade reprime, o que um machismo estruturado sufoca, o que um moralismo hipócrita tenta esconder. E mostram, acima de tudo, como essas mulheres vivem à mercê de um desejo que não é delas — mas do qual dependem para sobreviver.

Ali, sentada na avenida, ouvindo risos que escondiam traumas, confissões que carregavam exaustão, eu percebi que os fetiches não são apenas práticas sexuais. São janelas. Janelas para observar o que há de mais oculto, mais vulnerável e mais contraditório no comportamento humano. Janelas para entender que, para além do prazer, existe ali uma estrutura inteira de poder — uma relação assimétrica em que o cliente experimenta fantasias e elas lidam com os riscos.

E foi nesse capítulo da minha investigação que eu aprendi, finalmente, que o corpo, quando vira trabalho, deixa de ser apenas corpo. Torna-se território.

Território de outros.

Eu ainda continuo pensando sobre isso.

CAPÍTULO III

Quando o preconceito atravessa as ruas

Eu aprendi cedo, ali na baixada, que o preconceito não chega gritando. Ele chega antes — atravessando a rua, baixando os olhos, segurando as mãos das crianças como se aquelas mulheres fossem algum tipo de ameaça contagiosa. Chega no silêncio duro. No desvio de olhar. No passo acelerado.

E poucas coisas doem tanto quanto perceber que alguém prefere mudar o próprio caminho só para não passar por você.

A primeira vez que vi isso acontecer, eu estava parada ao lado da Marina, encostada no poste que já parecia carregar a história de todos os turnos de trabalho que ela viveu ali. Era fim de tarde, a luz laranja começava a se dissolver nos prédios baixos do bairro. Foi quando um pai apareceu caminhando com o filho — um menino de uns oito anos, talvez. O garoto ainda observava o mundo com aquela curiosidade inteira. Foi então que o pai avistou Marina.

Ele não fingiu.

Não disfarçou.

Não esperou passar.

— Não passe perto delas. — disse, em alto e bom som, puxando o menino pelo braço, como se estivesse salvando-o de algo.

Marina não se mexeu. Não reagiu. Apenas me lançou um sorriso leve, quase irônico, como quem já decorou a cena de tanto repeti-la todos os dias.

— É sempre assim — ela murmurou, olhando a calçada vazia que voltou a se preencher logo depois que eles passaram. — Se eles soubessem metade do que acontece na casa deles...

Ela não completou. Mas não precisou.

Eu me lembrava, naquele instante, de uma música da Marília Mendonça que escutei tantas vezes antes de começar esta investigação. A canção dizia: “Hoje você me vê assim e troca de calçada”.

E era exatamente isso.

A calçada virava fronteira moral.

Asfalto de um lado; condenação do outro.

E o que me atravessava era perceber que, muitas vezes, quem condenava era o mesmo homem que, horas depois, bateria no vidro do carro para pedir uma transa rápida antes de voltar para casa — silencioso como quem passa um recibo.

Elas falavam isso com uma naturalidade triste. Naturalidade de quem já entendeu a matemática da hipocrisia:

de dia, repúdio; de noite, procura.

Nas conversas que tive ali, sempre que tocávamos no tema do preconceito, as respostas vinham carregadas de um

riso amargo, daqueles que parecem querer se desculpar por existir.

Uma delas me disse:

— A gente aprende a respirar fundo. Preconceito aqui não é episódio — é turno de trabalho.

Outra completou:

— O pai fala pro filho não encostar na gente... mas depois, quando coloca o menino pra dormir, é justamente aqui que ele volta.

Aquilo ecoava em mim com força. Eu anotava tudo no meu caderno, mas a sensação era que as palavras não cabiam na página.

Com o tempo, percebi algo que me espantou mais do que deveria: o preconceito que essas mulheres enfrentam não vem apenas de homens.

Vem — e muitas vezes com veneno dobrado — de outras mulheres.

Elas mesmas apontavam isso.

— As que mais xingam a gente são as esposas — Marina me contou, certa tarde, mexendo no cabelo, ajeitando seu penteado — Elas acham que a gente é concorrência. Mas, se soubessem o que eles fazem aqui...

E então veio a frase que rasgou meu entendimento, cortando a rua como um estilhaço:

— Se as mulheres soubessem o que seus maridos fazem com a gente, não tomavam nem água no mesmo copo que eles.

— Eles vêm aqui, chupam a buceta de todas nós, depois voltam pra casa, deitam na cama e, se bobear, ainda dão beijinho de boa noite.

Ela disse isso assim, sem levantar a voz, sem drama. Como quem simplesmente relata o clima do dia, a previsão do tempo.

E eu fiquei ali, ouvindo, tentando organizar dentro de mim um país inteiro que insiste em punir mulheres como Marina — ao mesmo tempo que lhes recorre para suprir desejos guardados a sete chaves.

No fundo, o preconceito que elas enfrentam é um tipo de espelho que ninguém quer encarar.

Um espelho que revela tanto da sociedade quanto revela delas.

E talvez por isso seja tão violento.

Porque o que muitos tentam afastar, cruzando a rua e puxando o filho pela mão, não é a figura da prostituta.

É a própria hipocrisia refletida na vitrine da calçada.

E essas mulheres sabem disso.

Cada uma delas.

Com uma lucidez que não cabe nos julgamentos fáceis.

Eu, do lado delas, aprendi a enxergar esse desvio de calçada como um gesto que diz mais sobre quem desvia do que sobre quem fica parada ali, esperando o próximo carro diminuir a velocidade.

São elas que permanecem.

São elas que enfrentam.

O preconceito é só mais um cliente indesejado que aparece todos os dias — e elas, por incrível que pareça, continuam de pé.

Mesmo quando o mundo insiste em cruzar para o lado oposto da rua.

CAPÍTULO IV

Quando o amor erra o alvo

Eu já tinha ouvido muitas histórias sobre clientes que se apaixonam, sobre homens que confundem desejo com afeto, fantasia com futuro. Mas nada me preparou para revisitar o caso de Elize Matsunaga sob a ótica das mulheres da rua. Cada vez que o nome dela aparecia, vinha junto um silêncio denso — desses que fazem a gente prender a respiração antes de perguntar qualquer coisa.

O Brasil inteiro já conhecia a versão televisiva: a jovem que entrou na vida da prostituição, o empresário milionário que se encantou, a promessa de tirá-la das ruas, o casamento, a vida confortável — e, depois, o assassinato, o esquartejamento, o crime exibido como espetáculo no noticiário nacional.

Mas ouvir essa história contada por mulheres que vivem todos os dias entre calçadas, carros e quartos baratos dava outro peso às palavras.

Para elas, Elize não era apenas uma criminoso famosa. Era um alerta.

Marcos Matsunaga conheceu Elize durante um programa. Prometeu tudo o que ela nunca teve: estabilidade, proteção e conforto. E mais que isso: prometeu que ela nunca mais precisaria vender o próprio corpo.

Só que, quando ela entrou naquela vida de luxo — viagens, jantares, hobbies compartilhados, um mundo que parecia seguro — descobriu que havia trocado de cenário, não de destino.

Porque, dentro de casa, Marcos seguia tratando seu desejo como prioridade absoluta. Ela deixou de ter clientes, mas ganhou um só: o marido. Um cliente permanente, exigente, controlador.

E ali, naquela casa grande, com a promessa de vida nova, um detalhe quase imperceptível virou prenúncio: ele a ensinou a atirar.

Quando o caso da traição veio à tona — Natália, outra garota de programa, outra história que cruzava a dela — Elize não suportou. Contratou um detetive, confirmou suas suspeitas, e o confronto foi inevitável.

No tribunal, ela narrou o momento em que tudo saiu do eixo:

— “Eu falei que já sabia de tudo. Ele me chamou de vaca, vagabunda, e me deu um tapa.”

— “Fiquei com medo. Ele estava com outra arma perto dele. Fui pegar a minha.”

O disparo que veio depois, ela diz, não foi planejado.

O que veio depois do disparo, no entanto, foi impossível de imaginar — até para quem vive tomando decisões urgentes entre becos e motéis.

Elize arrastou o corpo, desmembrou, repartiu, distribuiu partes em malas. Uma cena que parece ficção, mas que é real demais para quem conhece a força do desespero.

Ela foi condenada a 19 anos.

O que mais me impressionou, porém, foi perceber que, para as mulheres com quem conversei, o crime de Elize não começou na faca. Começou muito antes.

— “Quando o cara começa com aquela conversa de te tirar da rua... pode saber: vai dar problema.” — uma delas me disse, tragando o cigarro como quem puxa a memória junto.

Julia, por exemplo, viveu uma versão branda — mas igualmente perigosa — dessa história.

Ela me contou, sentada na sombra de um boteco, brincando com o elástico do short:

— “Saí dez anos com o mesmo cara. Dez. Ele me dava muito dinheiro, muito. Toda vez que chegava dizia: ‘Cancela todo mundo, hoje você fica comigo o dia inteiro’.”

Era quase uma rotina — comer algo juntos, beber alguma coisa, depois um quarto qualquer.

Até que um dia Júlia decidiu que não queria mais.

Aí o inferno começou.

— “Ele ia na minha casa, me ligava sem parar... parecia que eu tinha tirado o chão dele.”

O chão dele — e a liberdade dela.

Bruna Surfistinha escreveu sobre isso no livro *O Doce Veneno do Escorpião*: as propostas tentadoras, as promessas de casamento, os homens que querem salvar a “garota que amam” da própria profissão. Mas, para muitas, sair

da rua significa voltar a depender de alguém — e isso, para quem já lutou para conquistar a autonomia, é uma prisão disfarçada.

O perigo da paixão compulsiva, porém, não é o único limite que elas precisam vigiar.

Cada uma dessas mulheres tem regras invisíveis que funcionam como pequenas cercas de proteção num território a céu aberto. A minha, como jornalista, é saber quando parar uma gravação. Uma delas, é saber quando um cliente ultrapassa fronteiras que podem custar a saúde, o corpo ou a própria vida.

Uma delas me contou sobre sua principal regra:

— “Comigo, sem camisinha, nunca. Mas tem menina que cede... por dinheiro, por afinidade, ou porque acha que conhece o cara.”

E então ela me disse algo que carregava a gravidade de quem aprendeu apanhando da vida:

— “Quando eu viro de quatro, já coloco a mão. Esses homens são lisos. Se vacilar, eles tiram a camisinha sem você ver.”

Stealth. O nome parece técnico, mas a prática é brutal: retirar o preservativo durante o ato sem consentimento.

No Brasil, isso é crime — violência sexual prevista no Código Penal. Mas, na rua, crime e risco muitas vezes se misturam em silêncio. E o silêncio é o maior perigo.

Enquanto escrevo este capítulo, volto a pensar nos limites que cada uma de nós — dentro e fora da prostituição — precisa construir para não se perder. Algumas constroem limites com palavras, outras com distância, outras com a mão colocada no próprio corpo para impedir o que não deveria acontecer.

E algumas, como Elize, estouram todos os limites de uma vez só.

No fim, entendo que este capítulo não é sobre crime.

É sobre fronteiras invisíveis.

Sobre o ponto exato em que o amor, o dinheiro, a solidão e o desespero se misturam — e deixam de ter forma.

CAPÍTULO V

A sombra que caminha com elas

Não importa quantas manhãs eu tenha passado na baixada, quantas mulheres eu tenha entrevistado, quantas histórias eu tenha anotado: sempre havia algo naquela rua que me lembrava que o medo não precisa fazer barulho para existir. Ele anda ao lado delas como uma sombra silenciosa — constante, persistente, difícil de espantar

Ser mulher no Brasil já vem com um manual invisível de cautelas: olhar para trás ao atravessar a rua, evitar certos lugares, calcular riscos, apertar as chaves na mão. Mas ali, onde cada virada de esquina pode se transformar em cena, essas regras ganhavam outro peso. O perigo não era eventual: era rotina.

E, ainda assim, elas seguiam.

Uma noite, enquanto eu observava o movimento da avenida, uma das garotas brincou dizendo que ali a trindade mais perigosa era sempre a mesma: homens, álcool e madrugada.

Riu, mas o riso continha a memória de quem conhece bem o que está dizendo.

O álcool — e as outras drogas que circulavam entre carros e becos — atravessava aquelas histórias de um jeito quase previsível. Às vezes, era a própria mulher quem já chegava alterada, tentando entorpecer a dureza da noite; outras vezes, era o cliente que chegava com os olhos vidrados, a fala embolada, a coragem artificial que só o álcool sabe fabricar.

— “Homem bêbado acha que é invencível” — me disse uma delas, mexendo na unha lascada como quem tenta ocupar as mãos para não ocupar a cabeça.

— “E quando acha que é invencível, a gente fica vulnerável.”

Eu me lembrava de um dado que havia lido pouco antes: em quase metade dos episódios de violência doméstica reportados, o agressor estava alcoolizado.

Quarenta e dois por cento.

Quase metade.

E, para elas, que dependem da presença física do homem para trabalhar, esse número não era estatística: era vida real.

Elas sempre repetiam que o maior perigo não era o sexo.

Era o que vinha antes — e o que podia acontecer depois.

O quarto fechado.

A porta trancada.

O humor do cliente oscilando.

A lâmina escondida no bolso.

O desejo virando posse.

A posse virando fúria.

E, quando me contavam, sempre baixavam a voz. Não por vergonha, mas porque certos acontecimentos exigem silêncio para caber no ar.

Talita, por exemplo, jamais esqueceu a noite em que achou que não sairia viva de um motel da zona norte.

Ela tinha apenas 28 anos. Sorriso rápido, braços finos, olhar que já tinha visto mais do que deveria. E me contou como quem revive a cena ainda com o corpo.

— “Antes mesmo de tirar a roupa, ele puxou uma faca.” A frase ficou ali, pairando entre nós duas, como se a rua inteira tivesse parado para ouvir.

— “Mirou no meu pescoço. Na hora eu pensei: acabou. É hoje.”

Ela descreveu com detalhes o pânico gelado que tomou suas mãos enquanto andava para trás, tateando a parede em busca da maçaneta.

Um gesto tão pequeno — procurar uma maçaneta — pode se transformar em sentença.

— “Quando encontrei a porta, nem pensei. Saí correndo. Nunca corri tanto na minha vida.”

Eu a ouvi em silêncio. Como se qualquer palavra minha pudesse diminuir o peso da história — e eu sabia que não podia.

Algumas mulheres me confidenciaram que, quando um cliente começa a aparecer com frequência demais, a preocupação cresce.

Não é vaidade.

Não é romantização.

É autopreservação.

Sentimento demais, ali, não é afeto. É risco.

— “Quando ele vem atrás várias vezes, já sei. Aí eu paro de atender.”

— “O problema é quando eles não aceitam.”

E é nesse momento, entre o desejo e a recusa, que a linha fina entre fantasia e obsessão começa a tremular. Muitas vezes, trêmula até romper.

Eu, caminhando entre elas, entendia que cada profissional do sexo cria suas próprias técnicas de sobrevivência.

Algumas vigiam a porta.

Outras escondem facas.

Outras têm códigos com amigas da rua.

Outras seguram firme o celular.

Talita procurou a maçaneta.

Cada mulher encontra um jeito de negociar com o medo.

Mas o medo está sempre lá.

Sempre.

E talvez seja isso que mais me marcou: a coragem que nasce não da ausência do medo, mas de continuar, mesmo sabendo que cada noite pode ser a última.

A sombra caminha com elas.

Mas elas caminham também — e isso, por si só, já é resistência.

CAPÍTULO VI

Valentina, a mulher que inventou a própria vida

Eu nunca esqueço o dia em que vi Valentina pela primeira vez. Estava parada à porta do restaurante onde combinamos de nos encontrar, vestindo um vestido preto longo que parecia ter sido desenhado para ela. Não pelo glamour da peça — era simples — mas pela postura.

Havia algo na forma como ela mantinha o queixo erguido, as costas retas, os olhos firmes... uma espécie de realeza que ninguém lhe deu, mas que ela própria construiu.

Antes mesmo de dizer seu nome, eu soube que era ela.

E talvez essa seja a melhor definição possível: Valentina sempre soube ser — antes mesmo de ter permissão para existir.

Ela nasceu em Monte Alto, no interior de São Paulo, e conta que desde criança carregava no corpo uma verdade que ninguém precisava dizer em voz alta. O menino afeminado que brincava de boneca, que fugia dos meninos, que vestia as roupas da mãe quando ninguém estava olhando.

A família, evangélica, já imaginava que ele não seria “hétero”. Mas ninguém, nem ele, compreendia ainda que não era sobre quem amar — era sobre quem ser.

Na escola, o bullying existia, claro, mas Valentina me disse com um sorriso que não guardava culpa:

— “Eu já sabia que aquilo não era sobre mim. Era sobre eles.”

Foi crescendo assim, pulando as expectativas dos outros como quem desvia de poças numa rua de terra. Até que a adolescência trouxe amigas trans, conversas longas e um processo de transição que veio como quem abre uma janela depois de anos respirando ar pesado.

Só que transicionar é caro.

E o salário da loja onde trabalhava durante o dia não pagaria nem o começo dos sonhos dela.

Foi então que as amigas, já na prostituição, fizeram o convite que mudaria tudo:

— “Vem pra rua com a gente.”

Naquela noite, Valentina tinha 16 anos.

Trabalhou o dia inteiro na loja, voltou pra casa, se montou como podia — maquiagem simples, uma sandália, um vestido improvisado. Quando se olhou no espelho, respirou fundo: pela primeira vez, enxergou a mulher que sempre tentou ser.

— “Eu me senti a Mulher-Maravilha.”

Ela me contou sorrindo, relembrando o brilho daquela primeira noite.

O ponto ficava perto do Mausoléu da Menina Izildinha, uma figura quase santa na cidade. Entre as outras profissionais, Valentina era a novidade. A mais jovem. A mais observada.

Seu primeiro cliente foi um colega da escola — Gustavo, 19 anos, moreno, bonito, alguém por quem ela já tinha sentido atração antes. Não foi difícil.

R\$10 pelo oral.

R\$20 pelo anal.

R\$30 ganhos em meia hora.

Os outros dois clientes daquela noite foram diferentes: um homem mais velho, sem gentileza alguma; e outro garoto sem dinheiro suficiente para pagar motel, levando-a para uma rua escura. Naquele dia, ela trabalhou das 21h30 às 23h — tempo suficiente para entender que a rua brilha por fora, mas cobra caro por dentro.

Ainda assim, ela voltou no dia seguinte.

E no outro.

E no outro.

Valentina virou sensação no ponto.

Mesmo com poucos recursos para “abusar da feminilidade”, como ela dizia, os homens paravam por ela. Era a mais procurada.

Pouco tempo depois, a loja onde trabalhava faliu. Com o dinheiro do acerto e do que ganhava nas ruas, conseguiu juntar a quantia necessária para o silicone. A cirurgia abalou a família evangélica — mas pela primeira vez, ela sentia que o corpo e a alma começavam a conversar.

Quando voltou para a rua, já operada, o impacto foi imediato: o médico se orgulhava do resultado; os clientes, mais ainda.

Os preços subiram:

R\$50 o oral,

R\$100 o anal.

E cinco clientes por noite já eram rotina.

A ascensão trouxe não só dinheiro, mas inveja.

E num fim de noite, enquanto caminhava para o ponto, ouviu passos atrás de si.

Nem teve tempo de correr.

Foi espancada brutalmente.

Acordou no hospital com o rosto inchado e uma decisão tomada:

Era hora de ir embora de Monte Alto.

Mas antes, ela quis vingança.

Fez contatos, investigou, reuniu nomes, e pagou na mesma moeda a agressão que sofreu.

Ribeirão Preto a recebeu com mais violência e mais oportunidades.

Dividiu quarto num hotel insalubre com uma amiga — que depois seria assassinada por um cliente durante um programa.

Viveu medo, miséria, mau cheiro, corredores estreitos, camas pequenas, portas sempre destrancadas.

Mas viveu também a cidade que a transformaria.

Ali, a prostituição tinha geografia própria: as trans europeias, as Patricinhas da Nove de Julho, as meninas da Avenida Brasil, e, por último, as que atendiam nos becos e hotéis de R\$20.

Valentina buscou seu espaço — e encontrou.

Virou Patricinha.

O padrão dela não era luxo absoluto, mas era o suficiente para subir de categoria.

Mudou-se para um dos bairros mais caros da cidade.

E foi aí que conheceu o homem que lhe pagaria mais de 5 mil reais numa única noite apenas para cheirar cocaína pelo seu corpo.

Com o tempo, Valentina ascendeu ainda mais: entrou para o site de acompanhantes de luxo. A partir dali, dinheiro deixou de ser problema.

R\$50 mil por mês.

Viagens, eventos, casas de swing, encontros terapêuticos, fetiches improváveis.

Ela atendia homens casados, empresários, políticos e figuras públicas. Muitos apenas queriam conversar. Outros queriam viver fantasias.

E alguns só queriam saber:

— “Se eu transar com você... eu sou gay?”

Ela ria contando isso, como quem já respondeu a mesma pergunta cem vezes.

Apesar do dinheiro, dos privilégios, do apartamento caro, Valentina nunca esqueceu de onde veio.

Nem do porquê começou.

— “Eu nunca fiz por necessidade. Fiz por mim.
Pela minha transição.”

Ela falava isso com firmeza, mas eu sabia — pela forma como me olhava — que a prostituição sempre cobra algo em troca.

Às meninas da baixada, ela cobra medo.

Às meninas da Nove, ela cobra luxo.

A Valentina, ela cobrou tempo.

E o tempo dela estava acabando.

Quase aos 30, queria outra vida.

Passou em um concurso público da Prefeitura de Monte Alto.

E, ainda assim, continuou fazendo alguns jobs: encontros ocasionais, um sugar daddy que pagava para ouvir detalhes de traições imaginárias.

Enquanto a ouvia, percebi que Valentina não queria que eu a visse como vítima.

Nem como mártir.

Nem como heroína.

Queria apenas que eu entendesse que a vida dela não foi escolhida pela esquina onde começou, mas pela coragem que teve de criar sua própria história — e de reescrever o próprio corpo.

Valentina não é a mulher que o mundo permitiu que ela fosse.

É a mulher que ela decidiu ser.

E isso, por si só, já é mais subversivo do que qualquer noite na rua.

CAPÍTULO VII

O preço do silêncio de Samantha

Eu sempre achei que algumas histórias nos escolhem antes mesmo que percebamos. A de Samantha fez isso comigo. Talvez porque, entre todas as mulheres que conheci durante esta investigação, ela fosse a mais próxima, a mais transparente, a que deixava o coração à mostra mesmo quando tentava escondê-lo.

Samantha tinha 30 anos quando me contou tudo. Era daquelas mulheres que seguram o mundo com os ombros, mas cujo olhar entrega, sem nenhuma cerimônia, o peso que ela tenta disfarçar.

Vivia carregando o pai dentro da memória — morto, mas presente — como se o luto morasse nela em definitivo. Era dele que vinha a saudade mais funda, a fenda que nunca cicatrizou.

E, entre ansiedade, depressão, bipolaridade e borderline, sua mente parecia um campo de batalha onde ela lutava diariamente para continuar em pé.

Trabalhar era um desafio.

Ficar num emprego, mais ainda.

E por isso sempre precisou de ajuda — emocional, financeira, humana.

Ajuda que, quando vinha, chegava como boia de resgate em mar revolto.

Foi assim quando conheceu Luís.

No começo, ele parecia um porto seguro: mensagens carinhosas, presentes inesperados, afeto derramado em pequenas ações.

Samantha se entregou àquele cuidado como quem encontra finalmente um colchão depois de dormir anos no chão frio.

Mas amor de almofada macia às vezes vira pedra.

Com o tempo, Luís mudou o tom — deixou de responder mensagens, deixou de oferecer o carinho que prometera, deixou de ser o homem que ela pensou ter encontrado.

E, quando já moravam juntos, Samantha percebeu que vivia um tipo invertido de relação: era ela quem sustentava quase tudo.

Luz, água, aluguel, compras do mês, lazer, ração para os animais — noventa por cento das despesas eram dela.

A pergunta que eu fazia — “por que você ainda fica com ele?” — encontrava sempre o mesmo silêncio.

Mas naquele silêncio morava a resposta: dependência emocional não grita — ela sussurra.

E sussurra baixo.

Baixo o suficiente para ninguém ouvir, nem mesmo quem sofre.

Em 2024, a vida decidiu testar Samantha de novo.

Depois de perder o pai, veio a morte do avô — mais uma figura de amor, de cuidado, de amparo.

A ausência dele abriu outra rachadura dentro dela.

E, como sempre acontece com quem já está vulnerável, a vida encontrou mais um jeito de machucá-la.

No frigorífico onde trabalhava, Samantha conheceu Paulo — amigo do marido, companheiro de rodeios e festas.

No início, ele parecia apenas alguém tentando ajudar: pagava compras, ração, pequenas despesas da casa.

De fora, parecia bondade.

De perto, era outra coisa.

Ele começou pagando as consultas psiquiátricas, as sessões de terapia, os remédios.

E quando a carência financeira vira compulsão, todo gesto gentil se transforma em corda — apertada lentamente ao redor da dignidade.

A primeira proposta veio por mensagem: “De quanto você está precisando hoje? Se me mandar uma foto, eu te mando.”

Samantha congelou.

Quem já passou aperto financeiro reconhece esse congelamento: é um frio que nasce no estômago, sobe pela garganta e trava o corpo inteiro.

Ela tinha contas para pagar.

Uma casa para manter.

Animais pedindo comida.

E nenhum dos dois homens que diziam amá-la fazia sua parte.

O gelo na barriga virou desespero.

E o desespero virou capitulação.

Ela sabia que, se cedesse uma vez, nunca mais sairia daquela armadilha.

E sabia — com a mesma certeza — que não podia perder a “ajuda” de Paulo.

Foi assim que começou.

E nunca ficou só nas fotos.

Nunca fica.

Quando a familiar que sempre a ajudou faliu, Paulo sugeriu emprestar um barracão para guardar os equipamentos dela.

Luís achou o gesto generoso.

Samantha não tinha muita alternativa.

E então foi — tentando não pensar no que ele realmente queria.

No barracão, eles beberam “Copão”, uma mistura forte de whiskey, gelo saborizado e energético.

Samantha sabia que se embriagar com ele era perigoso.

Sabia também que seria mais fácil fazer o que ele queria se estivesse alterada.

Quatro copões depois, aconteceu.

Oral. Vaginal. Anal.

R\$200 no Pix.

Ela não lembrava dos detalhes — só da sensação.

A sensação depois.

A que vinha sempre: sujeira, vergonha, inferioridade.

Como se carregasse uma sujeira que nem Qboa misturada no sabonete conseguia tirar.

Luís, desatento ou indiferente, perguntou várias vezes por que o sabonete tinha cheiro de cloro.

Ela nunca respondeu.

O que me cortou foi vê-la me contar tudo isso no dia em que nos encontramos — com o cheiro do encontro ainda nela.

Tinha acabado de sair da casa de Paulo.

Estava com medo de perder o emprego por causa de uma lesão na mão.

Devia mais de mil reais na casa de ração.

E ainda precisava fazer mercado.

— “Eu não gosto. Eu odeio. Eu me sinto fedida, estragada.”

Ela me disse isso com uma honestidade que rasgou o ar entre nós.

Os prints que me mostrou eram uma coleção de abuso travestido de generosidade:

“Tô doido pra fazer um Pix hoje.”

“Quero te chupar todinha.”

“Que horas você consegue vir?”

E Samantha respondia tentando escapar sem confrontar:

“O Luís vai chegar cedo hoje.”

Mesmo sabendo que era mentira.

Eu pensava na esposa de Paulo — na mulher que cuidava da casa, do filho, do marido, enquanto ele buscava outras mulheres na rua.

Ela carregava, sem saber, a mesma história que tantas outras eu conheci indiretamente.

Homens sem padrão, sem perfil definido, mas com a mesma busca: a adrenalina, a infidelidade, o poder.

O prazer de possuir alguém clandestinamente.

A relação de Samantha com o próprio corpo estava destruída.

E não era por Paulo.

Era por Luís.

Pelo marido que não a enxergava.

Pela sensação de ser usada por todos — menos amada por alguém.

O sexo com Paulo era sempre rápido, mecânico, incômodo.

Ela não sentia nada além de dor.

E vergonha.

A penetração secava o corpo e a alma.

E ainda havia a chuva dourada — tão comum nos relatos que ouvi — mas, para ela, símbolo de uma humilhação ainda maior.

R\$50 a mais.

Às vezes, o desespero custa exatamente isso.

Hoje, Samantha se encontra com Paulo ao menos cinco vezes por semana.

E recentemente recebeu outra proposta — de alguém que conhece Paulo e que provavelmente soube dela através dele.

Ela não quer.

Ela odeia.

Mas no fim, diz: — “Eu não sei o que vou fazer. O dinheiro sempre fala mais alto quando a gente não tem.”

E eu fiquei ali, ouvindo, anotando, tentando não deixar minha indignação vaziar pelas palavras.

Porque Samantha nunca escolheu a prostituição.

A prostituição escolheu as brechas da vida dela — e se instalou ali, no espaço exato onde faltava afeto, apoio e respeito.

O preço do silêncio dela segue sendo cobrado todos os dias.

E ela paga.

Paga para sobreviver.

Paga para não enlouquecer.

Paga porque ninguém — absolutamente ninguém — pagou o que deveria ter pago por ela.

CAPÍTULO VIII

Jenifer: sobreviver também é um nome

Olhares tortos, cochichos abafados, portas que se fecham antes mesmo que ela consiga atravessar o batente. Para Jenifer, esse tipo de reação se tornou tão comum quanto o nascer do sol. Mulher transexual, cinquenta anos, peito erguido pela coragem que aprendeu a cultivar, ela carrega no corpo e na memória as marcas de quem precisou enfrentar o mundo para existir.

Conheci Jenifer através de Valentina, outra mulher que conheceu os becos, as madrugadas frias e os julgamentos quentes do trabalho sexual. Sentamos em um banco qualquer e, como quem abre uma gaveta cheia de lembranças, ela começou a me contar sua história. Não com tristeza, mas com a firmeza de quem já não deve explicações para ninguém.

“Eu sempre fui mulher”, disse, como se afirmasse algo tão simples quanto o próprio nome. Mas por muito tempo, o mundo tentou convencê-la do contrário. Até os 24 anos, acreditava que era apenas um “gay afeminado”, porque era o que diziam, o que repetiam, o que tentavam moldar nela. Foi ao conhecer outras mulheres trans — mulheres que também lutaram contra o corpo que lhes entregaram ao nascer — que entendeu o que já sabia desde menina: sua alma não combinava com o rótulo que a sociedade insistia em lhe colar.

A transição, no entanto, foi vivida em silêncio. Dentro de casa, a mãe — hoje com 94 anos — parecia pressentir algo. “Intuição de mãe não falha”, dizia Jenifer, sorrindo. Talvez por isso nunca precisou fazer grandes anúncios. Os hormônios tomados escondido, o crescimento do peito, os pelos afinando, as roupas femininas surgindo devagar... cada detalhe foi construindo, diante dos olhos da família, a mulher que ela sempre foi. E todos passaram a tratá-la assim, sem que uma palavra formal precisasse ser dita.

Mas o mundo lá fora não costuma ser tão acolhedor.

A prostituição entrou na vida de Jenifer quase como um empurrão do destino. O mercado de trabalho, cruel com pessoas trans ainda hoje, era praticamente impenetrável há vinte anos. Enquanto acompanhava amigas nos pontos, começou a perceber que ali havia a chance de ganhar algum dinheiro — pouco, muito pouco — mas o suficiente para comprar seus produtos, ajudar em casa e tentar sobreviver.

Monte Alto não era um lugar fácil para uma mulher trans. Os valores eram baixos, R\$10 ou R\$20 por programa, e os riscos eram altos. Mas Jenifer ia todas as noites até a rodoviária, com uma mochila leve nas costas e uma vida pesada nos ombros. Saía vestida de “menino”, trocava-se em matagais no breu da noite e escondia a mochila entre as folhas, como se esconder fosse a única forma de existir.

Ela fala dos primeiros clientes como quem conta travessuras. Era jovem, “carne nova”, como disse rindo, e aquilo lhe dava certa vantagem no ponto. Rivaís surgiam, claro. A cada mulher nova que chegava, a praça se agitava, e com ela vinha o desejo de alguns, a inveja de outras.

A inveja, aliás, quase a matou.

Enquanto esteve em Marília, viveu um dos piores episódios de sua vida. Um homem parou o carro, mandou que ela entrasse, e o silêncio que se seguiu até um galpão abandonado disse tudo o que ela precisava saber: era uma emboscada. Quando ele virou de costas, Jenifer percebeu o brilho da lâmina que ele procurava. Foi ali que ela tirou as sandálias e correu descalça por ruas que não conhecia, fugindo de um destino que a inveja de outra profissional havia escolhido para ela.

Mas Monte Alto guardava um medo ainda maior.

Jenifer foi violentada oito vezes pelo mesmo homem. Oito. Era arrancada do ponto, jogada dentro de um carro, estuprada e abandonada em cidades vizinhas, como se fosse lixo descartável. Ela jurava que morreria ali, naquela estrada escura, naquele corpo que o mundo inteiro insistia em ferir. O terror durou até o dia em que ela decidiu correr — correr como se fugisse da própria morte — e não foi pega nunca mais.

Ainda assim, entre tantas noites duras, havia também momentos de desejo, de prazer quase adolescente. Entre as profissionais, chamavam de “vícios” os homens por quem elas cediam sem cobrar. Jenifer admite que perdeu algum dinheiro assim, mas conta com um sorriso que valeu a pena.

Houve também quem a tratasse com carinho. Um cliente fixo, que a buscava longe do ponto, que pagava mais e que, em um momento difícil, lhe emprestou R\$700, sem

nunca mais mencionar o assunto. Para ela, foi a primeira vez que sentiu respeito vindo de um homem fora da fantasia do quarto de motel.

O fetiche mais marcante? Um policial.

O tipo de figura que despertava nela uma submissão que diz não entender, mas também não negar. Ele a abordou como quem cumpre o dever, mas o olhar entregou tudo. Levou-a para uma rua deserta e a pegada dele, como ela mesma disse rindo, “era exatamente como imaginava que um policial teria”.

Outros fetiches, porém, ela não aceitava. Não importava o preço. Jenifer tinha regras e limites. Ativa, por exemplo, ela não seria. E sempre repetia aos homens confusos sobre sua própria sexualidade: “Mulheres trans são mulheres”. A frase saía firme, como quem já cansou de ser pedagógica, mas continua sendo porque, no fundo, sabe que o preconceito é o maior cliente da noite.

O mais inusitado dos pedidos foi uma chuva dourada, que ela realizou uma única vez, num motel, a contragosto. Não repetiu. “O cheiro não deixa”, comentou, fazendo uma careta.

E claro, há histórias que parecem lendas. Como a do anão — não por ser anão, mas pelo tamanho do membro, que ela descreveu como “presente dos céus”. E o dia em que ficou com oito homens num único programa, rodízio organizado “como time de futebol”, segundo ela mesma.

Hoje, Jenifer não é mais a mulher que se escondia atrás das moitas para trocar de roupa. Concurseira vitoriosa, trabalha no Pronto Socorro de Monte Alto, com crachá no peito e dignidade nos olhos. Cuida da mãe idosa, vive sozinha, diz que não nasceu para ser de um homem só. Às vezes ainda faz alguns trabalhos — “quando dá vontade”, ela ri — mas sem pressa, sem necessidade, sem medo.

Jenifer é prova viva de que muitas mulheres precisam atravessar o inferno para serem reconhecidas, enquanto outras sequer conseguem sair de casa sem carregar a culpa que o mundo lhes impõe.

Ela não se envergonha do que viveu. Pelo contrário.

“Sobrevivi”, ela me disse.

E o modo como diz essa palavra — como quem se orgulha de si — vale todas as noites, todos os riscos, todas as calçadas que tantas pessoas ainda atravessam para fugir do preconceito que carregam dentro de si.

CAPÍTULO IX

O eco das histórias que Sarah conta

Sarah apareceu na minha vida primeiro pela tela do celular — um vídeo no TikTok que uma amiga me enviou, desses que a gente abre sem muita pretensão e acaba assistindo até o fim, sem piscar. No relato, ela falava de um caso amoroso que vivia. No meio da narrativa, com a naturalidade de quem fala do próprio signo, mencionou que era garota de programa. Foi o suficiente para eu querer ouvir mais.

Abri seu perfil: dezenas de vídeos, histórias contadas com clareza, inteligência e um humor afiado que contrastava com a dureza do tema. Entre eles, um onde dizia já ter dado entrevista para uma estudante de jornalismo que escrevia um livro. Me identifiquei de imediato. Entrei no Instagram, cliquei no link da bio, cheguei ao WhatsApp. Mandeí uma mensagem simples — quase tímida — e vibrei quando ela respondeu. Eu já tinha devorado seus

conteúdos e descoberto seu blog, cheio de histórias cruas, pessoais, intensas.

Marcamos nossa conversa para um sábado à tarde. Ela em sua cidade, eu na minha, cada qual com seu fuso afetivo. Como costumo fazer, comecei pelo início: como a prostituição entrou na vida dela.

Sarah começou em 2015, não por romantizar a vida de acompanhante, mas por necessidade. Queria sair da casa da mãe, com quem não se entendia. Tinha um namorado na época — e ele não apenas incentivou a ideia: tinha fetiche em vê-la com outros homens. Ela, acostumada a seu próprio apetite sexual, não viu o incentivo como algo cruel. Pelo contrário: na época, parecia uma saída possível.

Foi ele quem encontrou o GPGuia, fórum onde homens descrevem mulheres e mulheres que se vendem entre avaliações e notas. Lá viram que clientes buscavam garotas magras. O que sempre fora sua insegurança virou vantagem comercial. Em seguida, ela criou perfil no GP Face — uma espécie de Twitter das profissionais — e ali surgiram seus primeiros clientes.

No começo, ainda conciliava os programas com um emprego como vendedora de passagem aérea. Não durou muito: a prostituição pagava melhor. O namorado não ganhava nada dos programas, só oferecia um tipo de “segurança moral”, ficando nas redondezas, como se pudesse protegê-la do que ela enfrentaria sozinha.

No primeiro dia, atendeu três homens.

O primeiro, no horário de almoço, a tratou com cuidado inesperado, atento ao prazer dela. Durou quinze minutos, mas foi leve.

O segundo era estranho. Travado. Não conversou, não deixou tirar a camiseta, terminou apenas se esfregando

nela, de roupa. Poderia ter sido traumático — mas Sarah estava decidida a continuar.

O terceiro foi romântico demais para um primeiro cliente: pétalas, velas, chocolate. Talvez compensação por seu pênis pequeno e dificuldade na penetração. Mas ele foi gentil.

Ela não se abala por aparência física. Aprendeu a separar o homem do cliente, o desejo do trabalho, o prazer da encenação. Não é isso que a incomoda — mas sim a falta de higiene, o mau cheiro, o suor ácido, a roupa íntima que denuncia descuido. A aparência ela aceita. O odor, não.

O que ela não tolera é o cliente que confunde pagamento com posse. O homem que acredita que comprar seu tempo é comprar seu corpo inteiro. Esses ela descarta. Para ela, sexo é troca: dá-se toque, recebe-se toque; dá-se respeito, recebe-se prazer. Sem isso, vira mecânico, frio, bruto.

Diz que a maioria dos atendimentos é como um date: vinho, música, conversa — aquilo que muitos casais não compartilham há anos.

No outro extremo, existem os clientes para os quais ela não cobraria nada — sua versão “CPF”, como diz rindo. Esses aparecem fora do ambiente profissional: um bar, um aplicativo, uma troca de olhares. Quando isso acontece, o beijo costuma dizer mais do que o programa inteiro.

Com o tempo, desenvolveu faro: se o beijo encaixa, a noite flui. Se não, vira um teatro mal ensaiado.

Os clientes têm fetiches variados, mas quase nada a surpreende. Já realizou programas com homens que só queriam se esfregar nela, vestidos — desejo pelo proibido, imaginação maior que o ato. Já teve cliente cujo fetiche era vê-la gozar, sem que ela o tocasse. Dinheiro fácil,

como diz. Às vezes, parece que os desejos deles falam menos de sexo e mais de solidão.

Sarah também vende conteúdo no OnlyFans. Não dá tanto quanto o presencial, mas ajuda. Grava vídeos sozinha e acompanhada. Organiza planilhas, envia conteúdo privado a cada dois dias, divide material explícito e material leve. Descobriu, por exemplo, que conteúdo com os pés não faz tanto sucesso quando há outro homem no vídeo — ironia de uma clientela que não suporta rivais imaginários.

Ela cuida do corpo com alimentação e musculação. Tem genética magra, e sua luta é mais para não secar do que para engordar. Grava no motel, no banho, no intervalo dos atendimentos — entre o profissional e o íntimo, há sempre uma câmera ligada.

Apesar da experiência, ela já viveu momentos de perigo. Um cliente insistiu em pagar depois que ela fosse embora. Ela recusou o risco, discutiu, ele ficou irritado. Descobriu depois que o homem contratou um investigador para descobrir detalhes sobre ela. O próprio investigador, desconfiado do contratante, a avisou. Ela ficou dias sem dormir.

Outra vez, atendeu um homem esquizofrênico. O programa foi tranquilo, mas a conversa pós-sexo a alarmou. Temendo um surto, saiu rápido. Dias depois, ele enviou-lhe um pix com um “Feliz Aniversário”, e aquilo pesou como ameaça: ele sabia seu nome, seus dados. Nunca mais o atendeu.

Cerca de 80% de seus clientes são comprometidos. Isso se repetiu em todas as histórias que ouvi — não é coincidência. Quando perguntei o porquê, Sarah falou de monogamia, desejo, natureza humana, necessidades que não cabem em casamentos estáticos. Muitos procuram o sexo anal que a esposa recusa, outros buscam fantasia, liberdade, fuga.

Um deles teve a coragem — ou o cinismo — de convidá-la para um cruzeiro com a própria família a bordo. Pagou a viagem dela e da amiga que serviria de cobertura. Três escapadas por dia, ele sumia da cabine familiar e aparecia na outra, onde Sarah o esperava. A esposa só descobriu anos depois — mas não por causa do navio.

O caso que mais mexeu com ela foi o do carioca. Ele a fez acreditar que gostava realmente dela. Havia troca, afeto, cuidado. Mas ele também era casado. Quando a esposa descobriu, cortou relação com Sarah imediatamente. Ela ficou devastada — não pelo fim, mas pelo descarte.

O amante vira invisível quando a verdade aparece.

Se apaixonar não faz mais parte do trabalho, diz ela. Mas já aconteceu duas vezes. Numa delas, parou de cobrar. Arrependimento. O homem, casado, tinha ciúme dos clientes de Sarah — contradição quase cômica. Após uma discussão boba, ele disse que não precisava dela, que tinha “uma mulher esperando”. Sarah respondeu com ironia: “palmas para ela”. Ele se irritou, achou que ela ofendia a esposa e sumiu.

Foi então que ela prometeu a si mesma: se começou cliente, termina cliente.

Sarah me falou também do “Intenso”, o envolvimento mais recente, de quem escreve no blog. Conheceram-se num aplicativo, fora do ambiente profissional. Mas após ela participar do quadro “Achismos”, dele assistir a entrevista e enfrentar sua realidade, começaram as brigas. Ele não segurou o tranco de se relacionar com uma profissional do sexo. Ela, já cansada de pesos emocionais, terminou.

Sarah está solteira há seis anos. Não solitária — esse é outro status. Mas às vezes, diz, bate a vontade de ter alguém para caminhar junto. Não alguém para salvar, nem alguém para sustentar — mas alguém para somar.

Aos poucos, a terapia tem lhe mostrado que o amor que vale é aquele que não exige que ela deixe de ser quem é.

Hoje, Sarah continua seus atendimentos, grava conteúdo, alimenta blog e redes sociais. Fala com honestidade sobre a profissão, sobre o machismo, sobre a hipocrisia de um mundo onde muitos dos que apontam o dedo são os mesmos que marcam o horário.

E fala tudo isso sem vergonha.

Com uma coragem tranquila, como quem entendeu cedo que ser julgada é inevitável — mas ser silenciada não é.

CAPÍTULO X

A vida que Ester enxerga no escuro

Ester tem 37 anos e carrega mais marcas do que aniversários. Perdeu a visão aos 30, vítima da retinose pigmentar, mas a cegueira começou muito antes — não nos olhos, mas no mundo que nunca a enxergou por inteiro.

Conheci sua história entre pausas longas, silêncios que pesam mais que palavras e lembranças que ela organiza como quem revira gavetas bagunçadas pela vida. Ester fala sem rodeios, talvez porque já não tenha nada a perder — ou porque já perdeu mais do que qualquer pessoa deveria.

Começou a vida sexual cedo demais: doze anos. O primeiro namorado foi preso; ela o visitava na cadeia para que o amor não morresse entre grades. Durou pouco. Depois veio o pai dos seus filhos — e com ele, a gravidez de Yan, aos dezoito.

Yan nasceu perfeito, forte e lindo. Mas a vida tem suas próprias formas de crueldade.

A febre alta, os vômitos, o diagnóstico errado no hospital. A tentativa desesperada de seguir as instruções do médico. O alívio que não vinha. Foi um farmacêutico quem levantou a roupinha do bebê e disse, sem rodeios, a palavra que nenhum coração suporta: meningite.

No hospital, Yan foi direto para a UTI. Ester não saiu do lado dele — talvez já soubesse que não teria muito tempo. Horas depois, o filho morreu em seus braços. E ali, parte dela morreu também.

Dois anos mais tarde nasceu sua filha, mas o amor já estava ferido, torto, paralisado. A dor do luto não deixou espaço para a maternidade. Com sete meses, a menina passou para a guarda da avó — e Ester já não conseguia voltar para casa.

Foi pelas mãos de um namorado que conheceu as drogas. E pelas mãos das drogas que chegou à prostituição. Aos vinte, ainda junto do pai de seus filhos, encontrava-se às escondidas com outros homens — inclusive o patrão do companheiro. O dinheiro virava farra: álcool, crack, noites longas demais.

O vício a empurrou para o crime. Nove anos e seis meses de condenação por furto.

Dentro do presídio, a visão já debilitada, Ester dependia de favores que pagava com sexo: proteção, cigarro, ajuda. Teve um relacionamento marcante com uma detenta de Bebedouro — não por amor, mas por promessa. Promessa de uma vida melhor que, ao sair da cadeia, evaporou antes mesmo de começar.

Solta, Ester se enfiou nos ranchos onde encontrava tudo o que alimentava seu caos: bebida, maconha, cocaína. Era nesses lugares que também se prostituía.

Uma vez, dez homens ofereceram cem reais cada para um striptease. Só ela aceitou. O álcool deu coragem. Depois veio o convite para uma orgia com três deles. Ela nunca tinha feito, mas precisava do dinheiro — e sabia que o vício cobrava antes do amanhecer.

Entrou oficialmente na prostituição sem romance, sem fantasia. Apenas fome — fome química e fome de sobrevivência. Nunca teve um valor fixo: deixava que os homens a precificassem, como se sua dignidade pudesse ser negociada no escuro.

Seu melhor cliente surgiu também num rancho. Um homem mais velho a convidou para passar a noite. De manhã, colocou R\$1500 nas mãos dela. Dinheiro suficiente para garantir dezessete dias de vício. Era assim que a conta fechava.

A vida sempre a rondou com perigo. Certa noite, após um programa com um homem de idade, ela tentou furtar a carteira dele no motel. Ele a flagrou. A arma saiu da jaqueta, as coronhadas caíram sobre sua cabeça. Ela gritou, implorou, lembrou da filha — sempre da filha. Ele a deixou ir, talvez por pena, talvez por não querer sujar o chão. Da próxima vez, ela não teria a mesma sorte.

Ester teve muitos clientes. Um deles virou seu padrasto.

Júlio esteve com ela por dezesseis anos. Pagava seus vícios, suas comidas, seus remédios. Era mais que cliente — era porto, era rotina. Um dia, ela o levou para casa. Durante a conversa, ele comentou que receberia mais de 250 mil reais de um acerto trabalhista. A mãe de Ester, acostumada a se apaixonar por homens que prometem algum futuro, mirou Júlio com olhos que Ester conhecia bem.

Ester alertou, cobrou, tentou impedir. Não adiantou.

Pouco tempo depois, Júlio confessou que a mãe estava dando em cima dele. Quando Ester piscou, os dois já eram um casal. Instalados dentro de sua própria casa. Sua mãe e seu ex-amante — uma ferida difícil de nomear.

Hoje, vivem sob o mesmo teto, mas não sob o mesmo mundo. Júlio dorme em um colchão de cinco mil reais. Ester, até pouco tempo, dormia no chão — só saiu de lá graças à irmã, que não suportava mais vê-la daquele modo. Ester e Júlio mal se olham. Quando ele demonstra algum resquício de afeto, ela vira o rosto como quem fecha uma porta por dentro.

“Ele nunca mais encosta em mim”, ela disse. E havia certeza na voz.

Entre histórias pesadas, Ester também guarda algumas que a fazem rir. Como a do cliente conhecido como “Família”. Um senhor simpático que sofreu um AVC e ficou com a fala enrolada. Certa noite, ofereceu cinquenta reais pelo programa. Chegando em casa, Ester já se colocou de quatro, pronta. Ele, excitado, pediu:

— Pode pô no tu?

Ela virou: — Que tu o quê! Cinquenta reais e ainda quer comer cu? Isso aí nem sobe, tomou azulzinho, né?

Ele negou. Ela não acreditou. A ereção teimou em não vir. Ela pegou o dinheiro e encerrou o serviço.

Na volta, no triciclo dele, o remédio finalmente fez efeito.

— O Ester, tá ficando duio... vamos aqui memo...

Ela riu, recusou, e foi embora.

Dias depois, ficou sabendo que “Família” morreu. Nunca soube como.

No amor, Ester sempre viveu na ponta do precipício. Teve relacionamentos violentos. Alex, um deles, está preso pela Lei Maria da Penha. Ele a arrastou pelas ruas, nua, a chutou, a espancou, a ameaçou de morte incontáveis vezes. Na última saída temporária da prisão, invadiu a casa dela com um fio para estrangulá-la. Ela lutou, fugiu. Sobreviveu.

Agora, falta pouco para Alex entrar em regime aberto. E ela teme. Porque hoje está com Russo — e a violência de Alex nunca precisou de justificativa para acontecer.

Ester ainda cheira cocaína. Ainda bebe. De sexta a domingo, dorme nas ruas, nas praças, no chão da cidade que conhece seu nome e sua queda.

A família diz que ela está “melhor” do que antes — quando vivia no crack, totalmente em situação de rua. E talvez esteja mesmo. Mas “melhor” não significa bem.

Perguntei se ela quer parar. Ela disse que não. Que já passou por piores, que os vícios foram um refúgio quando nada mais existia. Mas sua voz treme quando fala da filha. Ali mora a contradição: a mãe que não conseguiu criar é também a mulher que teme ser espelho.

Ela diz que não quer parar, mas depois corrige: “Não sei... talvez um dia... talvez uma casa de recuperação.”

Ester vive no escuro — mas não por causa da doença.

É o mundo que apagou a luz antes dela aprender a acender.

Considerações Finais

O jornalismo sempre foi a minha paixão. Além disso, sempre foi a minha principal ligação com o meu pai, a maioria das nossas conversas são sobre notícias, e talvez ele ame a minha profissão ainda mais do que eu. Sempre admirei o poder de levar histórias para o mundo, principalmente histórias de pessoas que muitas vezes são esquecidas pela sociedade. As profissionais do sexo com certeza entram nessa lista.

Ao chegar ao fim desta jornada — feita de ruas silenciosas, madrugadas frias e histórias que carregam mais verdade do que o mundo costuma suportar — percebo que este livro nunca foi apenas sobre prostituição. Foi, desde o início, sobre invisibilidades.

Aquelas mulheres, que caminham pela cidade como sombras que todos fingem não ver, existem antes mesmo de qualquer julgamento que lhes é imposto. Vivem entre fronteiras que não aparecem nos mapas urbanos: o medo constante, a violência que pode surgir de qualquer porta fechada, o risco que acompanha cada respiração. E, ainda assim, seguem. Não porque escolheram um destino romântico, ou porque encontraram liberdade na margem,

mas porque o mundo lhes negou praticamente todas as outras saídas.

Enquanto escrevo estas linhas, lembro de quantas vezes apertei as chaves na mão ao caminhar sozinha à noite. Lembro de como atravesso ruas vazias calculando passos, imaginando possibilidades de perigo, projetando rotas de fuga. Ser mulher no Brasil é carregar um medo que não precisa de motivo para existir.

Mas para elas, esse medo não é projeção.

É rotina.

Se toda mulher, em algum momento da vida, teme não voltar para casa, as profissionais do sexo convivem diariamente com a possibilidade real de não ver o próximo amanhecer — elas voltam para esquinas onde a violência não é exceção: é cenário.

E, mesmo assim, o que a sociedade costuma fazer é virar o rosto.

O que ouvi nas calçadas da baixada — e entre mensagens, prints, lágrimas contidas e silêncios pesados — foram realidades duras demais para caber em estereótipos. Às vezes, difíceis até para mim, que as registrei com a responsabilidade de quem sabe que certas verdades não podem ser suavizadas.

Cada relato me atravessou como se pedisse: não romantize, não moralize, não diminua. Porque ali estavam vidas inteiras, marcadas por violência, abandono, desigualdade racial, transfobia, pobreza, vícios do patriarcado e também, por vezes, uma coragem que nem sempre sabemos nomear.

E como jornalista em formação — e, sobretudo, como mulher — entendi que contar essas histórias significa enfrentar nossos próprios limites morais, nossos preconceitos silenciosos, nossos julgamentos automáticos. Significa

reconhecer que a rua, por trás de todos os estigmas, é também um espelho: ela devolve para nós aquilo que tentamos esconder sobre a sociedade que construímos.

Ao longo desses meses, vi que muitas pessoas acreditam saber quem são as mulheres que vendem seu corpo. Mas poucos realmente se perguntam por que elas estão ali, o que enfrentam, quem as violenta, quem lucra com o silêncio, quem as abandona.

E no fundo, o que este livro tenta dizer — nos relatos de Luana, Samantha, Jenifer, Valentina, Ester, Sarah e tantas outras — é que a prostituição não nasce das esquinas. Nasce das faltas.

Falta de oportunidades.

Falta de proteção.

Falta de respeito.

Falta de olhar.

Talvez por isso eu termine esta obra com mais perguntas do que respostas. Perguntas que ficam como convite ao leitor — e como responsabilidade para mim mesma, enquanto profissional que está apenas começando: Como podemos julgar escolhas feitas a partir da ausência de escolhas?

Este livro não encerra nada. Abre.

Abre espaço para que essas mulheres existam para além dos rótulos.

Abre fendas em nossos preconceitos cotidianos.

Abre caminho para que o jornalismo cumpra seu papel: dar voz ao que sempre foi silenciado.

A elas — todas elas — deixo minha gratidão profunda por terem me permitido entrar em seus mundos, mesmo que por alguns minutos.

Eu apenas escrevo. Mas são elas que fazem estas páginas pulsarem.

E que este livro sirva, ao menos, para que possamos enxergar o que por tanto tempo escolhemos não ver.